

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 7

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Architectura dos povos da antiguidade (continuação), pelo architecto o sr. J. P. N. DA SILVA	Pag. 97
A bibliotheca de Mafra, pelo sr. JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES	102
SECÇÃO DE CONSTRUÇÕES :	
Technologia da edificação (continuação), pelo sr. F. J. DE ALMEIDA	103
A madeira de construção e a America do Norte, pelo sr. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO	104
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Sphragistica brasileira (com estampa), pelo sr. JORGE CESAR DE FIGANIÈRE	106
Memoria historica do mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre (continuação), pelo sr. F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO	108
O sr. conde Arthur de Marsy — <i>Um bom serviço por elle prestado á Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes</i> (continuado do n.º 5), pelo sr. JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO	109
CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO	112
NOTICIARIO	112

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do numero antecedente pag. 82)

Segunda preleção

II

Acreditava o povo egypcio ter sido a arte monumental creada pela Divindade ; e por esta razão os monumentos eram muito grandiosos e magnificentes ; e para ainda mais infundirem na multidão respeito e assombro, tinham elles fórmagigantescas e proporções colossaes.

Os sacerdotes, para forçarem o povo a essa obediencia passiva, que tanto distinguia o caracter dos egypcios, fizeram-lhe acreditar (conforme os interesses do mesmo poder sacerdotal), que fôra a classe theocratica a escolhida pelos deuses para edificação d'esses santuarios. A fim de exaltarem fortemente a imaginação do vulgo, representaram sobre esses monumentos todos os factos gloriosos de sua exis-

tencia politica e social, e pela mesma maneira os preceitos religiosos, que convinha conservar, para manter illeso o seu imperio absoluto ; ficando por este modo os seus actos reputados sagrados, pois estavam gravados sobre os templos ; e merecendo assim a veneração de todos, porque pareciam inculcar a propria manifestação da vontade divina. Portanto o que havemos dito confirma quanto nos servirá o estudo da arte monumental, para conhecermos a historia religiosa e civil d'essas gerações extinctas, e podermos avaliar devidamente o seu grau de civilisação.

Vamos, pois, occupar-nos agora em descrever esses monumentos, explicando qual o symbolismo que representam, e tambem a relação que elles tinham com o estado social do povo egypcio, tão celebre nos fastos das gerações humanas ; porém antes de mais nada, convem indicar de que maneira se alcançaram os conhecimentos sobre a historia dos povos a que temos de referir-nos.

Os escriptores da antiguidade que trataram da civilisação das nações da Asia e da Africa, reduzem-se a um pequeno numero. Alem dos livros sagrados dos diversos povos, temos apenas uma descripção da India, mais desenvolvida, escripta por um missionario persa, Ayen Akbery.

É, porém, nas relações dos viajantes, que se podem colher os dados circumstanciados sobre os costumes, crenças das nações da parte oriental da Africa, e dos povos que occuparam as regiões do oeste e sul da Asia. Consultando as viagens que se fizeram em diversas epochas no Egypto, Nubia, Abyssinia, Arabia, Persia, Indostão até à China, iremos buscar a origem da sua arte monumental, porque é raro que os visitantes d'essas duas partes do mundo não tivessem estado tambem em alguns dos vastos imperios da Asia-Menor e das Indias, a fim de investigarem a significação d'aquellas ruinas collosaes.

Não ha duvida ter-se na idade media escripto sobre o Indostão; mas as obras que possuímos d'essa epocha constam de um montão de fabulas as mais absurdas. Estes livros foram trazidos pelos cavalheiros das cruzadas, embellezados pela ignorancia e pela superstição. Da Asia, conhecera-se primeiramente a Syria, a Palestina e Arabia. O grande numero de peregrinos que iam por devoção visitar o tumulto de Jesus-Christo a Jerusalem, de volta á sua patria, narravam aquillo que tinham visto, e podido indagar.¹ Nos seculos xv e xvi publicaram-se muitas obras sobre a Terra-Santa; algumas são interessantes, e d'ellas aproveitaremos tudo que fôr digno de se mencionar.

Todavia foi no decurso do seculo xvii que as publicações litterarias apresentaram character scientifico verdadeiro. As diversas relações que possuímos são bastante exactas, e não obstante as recentes investigações nos serviram de proveitoso auxilio. A Europa, desde o renascimento das letras e das artes, tem sido quasi o unico centro de erudição; portanto, não é para admirar que se consultem as obras dos seus litteratos, para se colherem noções uteis, e avaliarmos melhor a arte dos antigos habitantes do oriente.

As religiões dos povos da Asia têm tanta analogia com todas as outras religiões, mesmo com aquellas que existem no novo mundo, que o seu estudo será de um poderoso auxilio para as explicações que tivermos de fazer sobre este ponto.

A respeito das antiguidades do Indostão, acharemos informações positivas, principalmente nos livros de Niebuhr, alem dos artigos inseridos nos annaes das sociedades litterarias de França e Inglaterra.

As capitães das nações asiaticas as mais celebres da antiguidade eram Niniva, Persépolis,

Babylonia, Troia, Palmyra, as quaes têm igualmente servido de objecto de estudos especiaes. Em muitas cidades se descobriram inscrições em *caracteres cuneiformes*, que se assemelham a pontas de lança, e que foram estudados pelos eruditos, porém com pouco exito até agora: as inscrições de tijolos e dos cylindros de Persépolis e de Babylonia não se poderam ainda decifrar todas. Tem-se obtido melhor resultado com as inscrições de Palmyra, chamada tambem, *Padmore* a cidade das Palmeiras; muitos eruditos se tinham occupado debalde, até que o abbade Barthélemy descobriu a chave d'estas inscrições, e Silvestre de Sacy demonstrou que a lingua na qual ellas foram compostas devia ter analogia com a lingua particular das tribus vizinhas das antigas cidades, que acabámos de citar. De dia para dia se espera alcançar o cabal segredo da escripta cuneiforme, e então se poderá decifrar e traduzir as inscrições de Babylonia e de Persépolis, explicar esses gigantescos baixo-relevos esculpidos nas montanhas d'Assyria; então uma nova era principiará para a historia dos povos da Asia.

Os primeiros viajantes que fallaram dos monumentos da Africa Oriental, pertencentes ao Egypto, Nubia e Abyssinia, foram os peregrinos que se dirigiam á Terra Santa, e passavam a visitar os cenobitas da Thebaida. As descripções mais importantes e uteis são ainda aquellas que foram feitas no presente seculo; portanto havendo sido investigados esses diferentes paizes sem descanso pelos sabios de diversas nações, não obstante a distancia d'essas regiões longiquas, á sua perseverança n'este ultimo seculo devemos já não haver montanhas impraticaveis, nem desertos sem limites para os homens dedicados ao estudo das antiguidades; acabaram-se os obstaculos, desapareceram os perigos; tal é a paixão pelo estudo da archeologia nos nossos dias, que dá animo para se exporem a tantos e arriscados trabalhos, e a vencerem-se todas as difficuldades; mas felizmente o amor da sciencia póde mais que o amor á vida, pois muitas gerações de sabios dedicaram-se a descobrir a origem dos grandes rios da Asia e da Africa, desenhar e medir os monumentos das cidades destruidas, disputando a bandos de intoleraveis barbaros as ruinas das vastas cidades do *Afghanistan*, da *Nubia*, da *Persia* e da *Assyria*, e voltaram ricos de descobertas, fazendo surgir do esquecimento onde jaziam ha tantos seculos, na escuridão dos seus hypogéos, ou sob o peso das suas pyramides, a arte monumental da India e do Egypto, assim como a importancia architectonica de todas essas famosas cidades, alternativamente rainhas do Oriente, como foram Persépolis, Babylonia, Niniva, Palmyra e Troia.

Os egypcios não faziam nenhuma honra funebre aos heroes, nenhum templo lhes foi dedicado.

¹ Veja-se o Boletim n.º 6.

Tratando da arte monumental, devemos principiar pela do povo que constituiu o mais antigo estado politico conhecido, o Egypto, e que deixou tambem para a posteridade os mais antigos monumentos de architectura, assim como por ter exercido uma influencia e uma acção mais ou menos directa sobre a civilisação de todos os povos da raça Ariana; e se não podemos indicar com exactidão o periodo d'esta influencia e d'esta acção; acharemos, todavia, os seus monumentos, para no-lo designar de uma maneira segura pelo meio da comparação. Foi da Ethiopia primitiva, junto do Caucaso, que o Egypto tirou a sua população, e ainda mesmo que a origem da sua lingua o não comprovasse, muito mais o comprovariam os monumentos que elles nos deixaram.

No valle formado pelo Nilo (Nêlas, em sanscrito, lingua sagrada do Indostão, significa *azul escuro*), foi ahi a séde da mais remota civilisação, desde a ilha de Philo até Gizeh, a antiga Memphis, occupando a extensão de 860 kilometros. É n'este longo valle, que se encontram os mais antigos monumentos levantados pela mão dos homens.

Quando os egypcios crearam o dogma do *Deus activo trabalhador*, o Démiurgo, teve nascimento a architectura religiosa, a qual precedeu, como nas mais partes, á architectura. A civilisação já desenvolvida durante muitos mil annos, e trazida do Alto Egypto, estava então no seu auge, e o estudo da sua arte monumental nos comprova isto da maneira a mais positiva.

«Tudo aquillo que o caracter nacional egypcio teve a manifestar foi sempre representado com a maior magestade, e no mais subido grau de perfeição, executado com uma excessiva paciencia e severa fidelidade; indicando constantemente a immobildade, e até mesmo a eternidade nas suas múmias! O aspecto perpetuo da extensa linha horizontal e recta, sem fim, do Nilo, e que não muda mesmo de caracter durante a inundação annual; a monotonia da linha quasi parallela d'este rio sagrado, junto com a outra linha das montanhas, que formam as suas duas margens; esse eterno esplendor do sol espargindo os seus raios sobre um céu de azul escuro, invariavelmente sereno, e do qual o calor intenso parece solidificar a atmospherá, estendendo-se sobre o paiz inteiro sem nunca alterar o seu sereno aspecto; esta uniformidade constante e monotona que a natureza offerecia á vista dos egypcios, assim como na permanente côr amarella da terra e no azul sombrio das aguas do Nilo, tudo isto reunido imprimia na alma d'este povo uma profunda serenidade e constante tranquillidade, que muito se assemelhava á tristeza, ao descanso de uma passiva resignação, que se não encontra em nenhum outro povo da terra. Foi esta immutavel uni-

formidade da monstruosa natureza africana, que se imprimiu no mais elevado grau no espirito e imaginação dos egypcios. Isso mesmo se observa nas feições que têm as cabeças das figuras de escultura pintadas nos seus monumentos; e as formas severas que esses apresentam sempre reunidas, pela mesma maneira exprimem o caracter peculiar d'este povo.

A architectura no Egypto foi escripta e ensinada pela theologia, e é a historia d'aquelle paiz. Nota-se-lhe nas formas architectonicas, nos detalhes, como na pintura e escultura monumental, uma feição jerarchica e de convenção; mas n'ella não brilha a belleza que attrahe, essa belleza que surge da liberdade e da independencia da imaginação; sendo, pois, essas formas moldadas conforme a auctoridade de uma existencia voluptuosa, abundante sim de uma riqueza physica e intellectual, porém adormecida, e petrificada: falta-lhe a harmonia graciosa e a grandeza independente; fere sem duvida a imaginação a architectura monumental do Egypto, mas unicamente pelas suas colossaes dimensões. Não obstante o seu frigido aspecto, esta architectura é uma das mais sublimes que seja possível imaginar, posto que disponha a alma poderosamente ao silencio, á meditação e á melancolia.

Não póde haver duvida a respeito da origem que produziu as formas dadas á architectura monumental do Egypto; foi ella o resultado do desenvolvimento e do aperfeiçoamento natural das construcções primitivas feitas com terra e argila.

Essas construcções primitivas eram de limitadas dimensões, e não havia ainda conhecimento dos pilares nem das columnas: o que só teve logar, quando se levantaram, em honra das divindades, monumentos construidos de cantaria; então a architectura, propriamente chamada, appareceu. Esta architectura, pois, proveiu das construcções feitas de terra e tijólos, que foram depois sendo imitadas nos ornatos dos seus primitivos monumentos, nos diversos desenhos empregados nas esteiras, fabricadas com as fibras da epiderme das arvores: mas que mais tarde uma imaginação sensata e luminosa metamorphoseou de infinitos modos, servindo-se sempre dos principios mathematicos para essas composições.

O sol ardente do Egypto exigia habitações, onde se podesse achar refrigerio: para se conseguir isso, foi necessario formarem-se paredes e tectos de excessiva grossura, janellas que recebessem indirectamente os raios do sol. A qualidade dos materiaes obrigou tambem os architectos a cobrirem as salas com enormes e grossas lages, sendo estas sustentadas por columnas e precisando ter dos lados pontos de apoio verticaes, sufficientes para as suster, sendo postas n'esses grandes espaços, e foi este o motivo,

por que deram igualmente tão excessiva grossura aos diâmetros d'essas columnas.

Não havendo chuvas no Egypto, não havia necessidade de darem escoantes aos telhados, e por isso as coberturas dos edificios eram planas, como são as dos terraços. Os palacios do Egypto estavam todos cercados por altas muralhas, sendo edificadas sobre um terrapleno artificial, encostado em parte na rocha, ou formado todo elle de terra e rodeado de um muro de encosto, quasi sempre feito com tijólos seccos ao sol. Este recinto era geralmente de fôrma quadrangular; disposição esta dada ao terreno, que augmentava muito mais o effeito que produziam os monumentos sobre elle levantados, e que dão mais um testemunho do talento dos architectos que os haviam delineado.

Não obstante os archeologos estarem ainda hoje duvidosos em decidirem, de qual das duas nações, se da India ou do Egypto, seria mais antiga a civilisação: ainda que se tem descoberto n'este seculo haver bastante analogia entre as artes e a industria d'estes dois povos; havia, comtudo, um dogma commum que existia nos dois paizes, — a metempsychose, essa transmigração da alma de um finado para o corpo de um animal, bem como terem ambos os povos começado (nos tempos primitivos), a fazer espaçosas excavações dentro das montanhas de pedra; assim como por erigir immensos monumentos isolados de fôrma pyramidal, representando n'elles todas as figuras quer fossem pintadas, ou em escultura, caracterisadas no estado de perfeita immobilitade e de fôrmas inteiriçadas: porém o que se deve suppôr com mais probabilidade é, como os indios e os egypcios habitavam paizes de um clima quasi semelhante, e se achavam nas mesmas circumstancias physicas, deviam proceder de uma maneira quasi identica nas suas construcções monumentaes.

Na epocha mais remota da historia, o Egypto compunha-se unicamente da Thebaida, hoje Said, situado no alto Egypto; sendo-nos desconhecida a origem primitiva d'esse povo, que havia existido nas terras hoje designadas pelo nome de Nubia e Abyssinia, as mesmas que os antigos chamavam *Ethiopia supra OEgyptum*. Os povos da Ethiopia tinham por costume fazer as suas habitações nos flancos das montanhas, ou nas excavações naturaes que encontravam já feitas nos rochedos, e foi por esta causa que lhes chamaram *Troglodytos*. Porém conforme a sua progressiva civilisação, fizeram depois moradas mais espaçosas e mais commodas, sem, comtudo, deixarem o seu antigo uso; pois que continuaram do mesmo modo a abrir cavernas nas rochas para n'ellas habitarem, excavações que foram ornadas depois com grande esmero, até com figuras de escultura de merecimento.

Um monumento troglodytico mais bem conservado e o mais antigo é a gruta na montanha Tschabel-Essesel, onde se vêem esculturas com figuras sentadas diante de uma mesa; e cujo tecto é cheio de estrellas, entre as quaes ha genios com azas abertas.

Os monumentos do segundo periodo d'architectura egypcia tambem foram cortados nos rochedos de granito e de porphyro, servindo de habitações subterraneas, das quaes se encontram muitas na Nubia.

O templo mais importante n'este genero de construcção é o monolitho de Ibsambul, situado sobre a margem occidental do Nilo; monumento este honorifico de Rhamsés, o Grande, que reinou no seculo XII antes da vinda de Jesus-Christo. Eram estas obras de tão prodigiosa execução, que os actuaes habitantes attribuem a uma raça de gigantes o serem realisadas!

A civilisação da Ethiopia estendeu-se por toda a planicie que o rio Nilo rega e fertiliza; ella dotou essa terra tão fecunda com monumentos do seu culto, das suas instituições e das suas artes.

Todo o alto e baixo Egypto está coberto de edificios religiosos e civis, que fazem a admiração dos sabios; instruem os artistas; illustram os archeologos, tanto pelas suas fôrmas especiaes como pelas suas dimensões gigantescas; determinam, emfim, a significação de sua architectura.

As primeiras construcções foram feitas com tijólos compostos com o lôdo, que o Nilo arrasta na sua corrente, os quaes eram seccos ao sol. Ha pyramides construidas com tijólos que têm mais de meio metro de comprido, com a grossura de 11 centímetros, sendo postos uns sobre os outros. As pedras, de extraordinaria dimensão, saiam já apparelhadas de pedreiras calcareas, quando não eram cortadas nas proprias montanhas de granito. Ainda hoje se pôde admirar n'estas obras como as arestas estão vivas e eguaes, apreciando-se pela exacção dos seus côrtes, a perfeição como ellas estão polidas; e tendo sido assentadas com tanto esmero, que mal se percebe a separação de uma das outras. Se nas construcções d'estes monumentos não tivesse havido esse escrupuloso cuidado, não causariam elles no fim de 5:000 annos o assombro da presente geração, nem tão pouco poderiamos tirar util lição para o estudo da sua architectura monumental. Portanto não se deve em tempo algum, em obras d'esta natureza, ser mesquinho no seu trabalho, nem na devida remuneração; salvo se para a posteridade se desejar occultar o merecimento da architectura da sua epocha, ou fazer esquecer o nome da nação que empreendeu essas construcções historicas, as quaes lhe deveriam dar fama entre as mais civilisadas da terra.

Emquanto ao modo de fazerem os egypcios as suas estatuas colossaes, que nós tanto admirámos, não ha duvida que se executavam nas proprias pedreiras, sendo depois transportadas para os logares que deviam occupar por meios mechanicos que por emquanto nós ignorámos.

É principalmente nos edificios religiosos e nos palacios que se póde julgar como os egypcios sabiam exercer a arte monumental. Os seus templos, pela fórma pesada, baixa e quadrada, sendo o interior sombrio e mysterioso, tendo portas cortadas em feitio pyramidal, e havendo n'elles rarissimas aberturas para comunicação; assim como pela sua fachada simples e liza, pelos seus numerosos pontos de apoio, ora cylindros, ora quadrados ou octogonos; pelos desenhos dos seus hieroglificos cavados sobre as faces das suas paredes, junto ao grande numero de estatuas pintadas, nichos quadrados que armam os santuarios, os colossos que se erguem debaixo dos vestibulos, e á entrada dos seus porticos; fazem parecer terem sido extrahidos inteiriços do interior de uma montanha de pedra, para ser collocado sem nenhuma transformação no meio das planicies do velho Egypto. Portanto estas construcções nos offerecem o typo aperfeiçoado dos monumentos trogloditos; e póde-se dizer que os seus habeis architectos procuravam representar sobretudo a força, a solidez e o grandioso. Não se vê outra cousa mais do que massas enormes de cantaria sobrepostas umas ás outras, e o emprego de materias excessivamente pesadas; pillares de grossura extraordinaria sustentam tectos de uma extensão desmarcada: encontram-se santuarios feitos de uma só pedra, e esphinges, com 8 metros e 14 centimetros de alto, formadas em um só bocado de granito!

Posto que se note em todos os monumentos egypcios uma uniformidade constante de symbolos e de decoração, comtudo os seus planos variam de tal maneira, por causa dos augmentos que se lhes fizeram em diversas epochas, que é difficil de se encontrar sem alteração alguma o typo que seja unicamente o primitivo.

Tinham os egypcios por costume collocar diante das entradas dos templos, os quaes se designavam com o nome de *Temenos* — ou recinto geral — uma avenida calçada. Aos maiores chamavam-lhes *Dromas*, ou centro geral; havia em todo o comprimento e de cada lado uma fila de esphinges de pedra. Depois das esphinges seguia-se um ou mais *Propyleo* — portas principaes; por detraz d'estes propyléos segue-se o *Náos* — o templo principal; composto de um *Pronáos*, ou parte-anterior do templo, e depois o *Sécos*, o proprio santuario; o primeiro espaço era de uma grandeza extraordinaria, e o segundo já tinha menor exten-

são. No *Náos* não se viam estatuas, propriamente ditas, pois as esculpturas que existiam eram formadas de corpos de animaes com cabeça de gente.

Dos lados do pronáos via-se o que os gregos chamavam *pteres*, isto é, azas formadas por dois muros de altura igual á do templo; os quaes se ornavam no lado interno com grandes figuras de esculptura em relevo. Para se fazer idéa mais completa, passámos a descrever o plano de Kárnac, situado sobre a margem occidental do Nilo, edificado sobre uma parte do logar occupado pela antiga cidade *Thebaida*. É uma extraordinaria reunião de construcções, que pertencem a todo o periodo do governo dos Pharaós; isto é, desde 2500 a 2300 annos antes da vinda de Jesus-Christo. Pela sua descripção se comprehenderão facilmente as diferentes partes de que era composto, e a extraordinaria magnificencia, com que esta residencia real tinha sido construida.¹

Começando pelo lado do rio, encontra-se duas alas de 1:200 esphinges e 116 ditas com cabeças de carneiros; todas estas esculpturas são monolithas, as quaes indicam a porta do grandioso pylono, que servia de atalaia e fortaleza, como tambem de observatorio astronomico. Duas estatuas colossaes ornavam esta entrada, as quaes presentemente estão subterradas: entra-se depois em um espaçoso pateo quadrado, ornado de ambos os lados de porticos sustentados por columnas. No meio d'este pateo ha 12 columnas formando duas alas, e servindo de pedestaes para figuras symbolicas. Á direita d'este mesmo pateo vê-se ainda hoje um templo edificado pelo Pharaó Rhamsés iv. De cada lado do portal do segundo pylono, havia duas enormes estatuas pedestres de Sesostris; a que ficava á direita ainda hoje se vê. Esta porta dava entrada a uma sala com 134 columnas sustentando o tecto; as do centro tendo de altura 23 metros e 10 centimetros, com capiteis de diferentes feitios e os fustos ornatados. Sae-se d'esta sala pela porta do terceiro grande pylono, que dá comunicação com um largo corredor, no meio do qual ha dois obeliscos collocados um de cada lado da porta, pela qual se entra em uma sala de fórma dupla ornada de pillares com colossos commemorativos da consagração do templo, edificada no seculo xvii, antes da era vulgar. Era d'esta sala que principiava a habitação privada dos monarchas egypcios. Saindo-se d'esta casa avista-se uma reunião de construcções designadas com o nome de pouzadas de granito. Um vestibulo ornado de dois pillares quadrados dá comunicação a um santuario central, o qual está rodeado de um grande numero de salas; sendo esta a parte do palacio que produz a maior admiração, não só pela riqueza dos

¹ Examine-se a estampa do Album.

materiaes empregados, como pela multiplicidade e acabamento esmerado das suas esculturas. Duas passagens lateraes reuniam essas salas ao palacio de *Osortasen*, ultima construcção d'este vastissimo edificio: duas bases de obeliscos se vê no grande pateo, que separa estas duas reaes habitações. O ultimo palacio é composto de uma sala rectangular com columnas e precedida de outros dois obeliscos: passando-se d'esta sala, nota-se dois renques de pilastras com os angulos cortados, que sustinham o tecto de varios quartos, no centro dos quaes ha um pequeno santuario de epocha mais recente: em roda havia os aposentos para os servidores do rei. Ha n'esta parte do edificio uma sala em que estão collocadas, em 4 filas, 67 estatuas assentadas dos reis predecessores de *Mæris*; cuja sala é conhecida pelo nome de *quarto dos anciãos*. Um muro fecha toda esta extraordinaria construcção, tendo apenas seis entradas lateraes.

É preciso reconhecer que é unicamente em obras d'esta importancia que a architectura poderia dar logar aos artistas exercerem o seu talento e saber; e patentearem igualmente a sua elevada intelligencia, não só na comprehensão do verdadeiro caracter a representar, como na bem entendida combinação de um edificio tão complexo, tanto mais difficil de executar quanto mais grandioso e complicado elle era: e conseguir na reunião de tão vasta construcção indicar a realisação de uma idéa grande e significativa, a qual tivesse um caracter tão superior, que não se podesse confundir com as vulgares edificações, que não tinham por condição obrigatoria infundir a admiração dos homens e tributar a veneração das idades futuras: sendo n'este sentido elevado que a arte monumental podia ser aceita, e transmittir, pela sua grandiosa concepção e magestade de suas fórmas especiaes, o merecido titulo do verdadeiro typo nas producções monumentaes da architectura, pertencente a cada epocha.

Presentemente este sumptuoso edificio representa apenas as ruinas, mas quizemos mostrar qual havia sido o magnifico aspecto de sua extraordinaria architectura; mais é para sentir ver o seu estado desmoronado, quando sabemos que não foram os estragos do tempo que têm destruido o seu esplendor architectonico, mas sim o vandalismo de uma nação ciosa; cheios de cobiça e orgulho de terem vencido a uma temivel rival menos civilisada, quizeram os persas assignalar o seu dominio, não por obras superiores como haviam executado os vencidos, mas patentearam que não os poderam egualar: e para occultarem esta inferioridade e saciarem o seu furor, destruíram tudo aquillo que não eram capazes de imitar: sendo mais facil anniquilar do que crear, muito embora gravassem com as suas

proprias mãos o desdouro de uma tão vandalica vingança. Foi esse poderoso Cambyzes, esse furioso tyranno da Asia, como os seus contemporaneos o designavam, a quem o Egypto deveu a sua decadencia e as ruinas que apresentam os seus monumentos: e se para as Bellas-Artes é isto perda tão valiosa, não menor perda foi para a humanidade, porque só com ferro e fogo se destroem as cidades e se anniquilam as nações.

O architecto,

(Continúa)

J. P. N. DA SILVA.

A BIBLIOTHECA DE MAFRA

parlons de ce qui nous appartient,
et indiquons nos propres richesses.

CHATHEAUBRIAND.

D'entre as vastas e grandiosas salas do monumento de Mafra, avulta a famosa casa da bibliotheca. A sua extensão, a proporção de suas formas e seu merito architectonico tornam-a, como temos ouvido a distinctos viajantes, uma das primeiras casas do mundo. Ainda quando seja exagerado o conceito, significa elle, ao menos, que esta sala é grande e nobre, magestosa e rica, e digna de toda a consideração. Ao transpôr o limiar de suas portas ninguém pôde eximir-se a uma certa commoção que, ou impõe o silencio, ou obriga a uma exclamação grave e respeitosa. Segundo parece, esta casa não fora destinada — logo na fundação do edificio — para bibliotheca; ella teria o nome de *sala dos embaixadores*, e seria applicada ás grandes recepções.

A livraria dos frades franciscanos era pequena, e alojava-se em duas casas do convento, casas que tinham escolhido mais para simples arrecadação de livros do que para bibliotheca. Foram os conegos regantes de Santo Agostinho, quando habitaram o convento desde 1771 a 1792, que destinaram a famosa sala para tão louvavel fim, fazendo executar os admiraveis trabalhos que ali se vêem, sob a direcção do architecto portuguez, Manoel Caetano.

O *Monumento sacro*, livro impresso em 1751, tratando d'esta casa, já lhe dá o nome de casa da livraria; mas é facto que em 1771 não estava ella ali estabelecida, e foram os conegos que fizeram não só o rico pavimento de marmore, mas todo o mais importantissimo trabalho que admiramos hoje. Saindo os conegos em 1792, ainda a livraria não ficava instituida na grande sala, e tal como deixaram os trabalhos assim ficaram; porque, tencionando elles dourar as estantes e os ornatos, e preencher os medalhões com os retratos dos escriptores mais illustres, não chegaram a realisar o seu projecto. Pena foi. O marquez de Pombal, alcançando de

Clemente xiv um breve para a supressão de alguns conventos de conegos de Santo Agostinho, destinára os seus rendimentos para o mosteiro de Mafra que collocou sob protecção da corôa; e transferindo para ahi os monges que estavam em S. Vicente de Fóra quiz que o novo mosteiro fosse uma casa de estudo; e assim foi. Ali se creou um collegio, estabeleceu-se um observatorio, e deu-se grande impulso á escola de esculptura, resultando grandes vantagens para as sciencias e para as artes.

Voltaram os franciscanos a occupar o convento, e então organisaram a bibliotheca; e foi em 1794 que ella definitivamente ficou estabelecida na grande casa. Em 1797 fez-se o primeiro catálogo, que não existe, mas serviu de base para o que em 1809 começou o padre mestre fr. João de Sant'Anna, com um prólogo do qual nos podemos servir. — Este catálogo foi concluido em 1819, e consta de oito grandes volumes.

Viria a proposito fazer algumas considerações acerca das bibliothecas nos conventos, nos mosteiros, e nos paços dos nossos reis. O nosso fim, porém, é descrever a famosa sala da bibliotheca de Mafra; e essas considerações, aliás bem importantes, muito judiciosamente têm sido desenvolvidas por distinctos escriptores nacionaes e estrangeiros.

Tentemos a descripção.

A sala da bibliotheca está no pavimento do palacio, na linha parallela da frente do edificio. Aos lados tem duas casas que lhe servem como de vestibulos. Estas casas, quadradas de 11 metros por face, têm duas portas que dão accesso para a grande sala; sobre o cunhal vêem-se duas pedras toscas destinadas certamente a receber legenda, ou o quer que fosse, que deveria ter analogia com a sala ou a sua applicação.

A sala tem 88 metros de comprimento, por 9,^m5 de largura, e 11 metros de altura. A linha de projecção horizontal d'este rectangulo, afastando-se no centro d'elle 10 metros a cada lado, descreve como dois braços de cruz, que guardam a mesma largura do espaço rectangular, e quatro arcos soberbos, que sustentam a aboboda, marcam igualmente os angulos produzidos pelo desvio da projecção das linhas

que constituem as faces do grande rectangulo. Todo o pavimento é formado d'um xadrez de variados marmores, e o do centro da casa poder-se-hia facilmente confundir com uma alcatifa primorosamente bordada. A aboboda é apainelada de estuque, em almofadas cujos fundos são ornados de filetes e molduras; e no ponto central brilha uma formosa lamina de marmore, adornada de festões tendo no meio a figura do sol despedindo em torno seus raios. A projecção vertical n'este lugar, em que a aboboda é mais elevada, é de 13 metros.

Toda a casa está lateralmente guarneçada de estantes; e 4 metros acima do pavimento uma varanda com elegantes balaústres, apoiada sobre lindas misulas de madeira com muita e delicada obra de talha, forma uma galeria que circumda igualmente as faces lateraes, acompanhando a projecção da linha horizontal na sua figura cruciforme. Não se pôde descrever a importancia da obra de talha que orna a galeria; é superabundante, é linda, e d'um acabamento esmerado; apresenta rosaceos, folhagens, arabescos entrelaçados com tal arte, e tal mimo que não é possível exceder-se. Coroando as estantes da galeria, estão muitos medalhões ornamentados que deviam receber os retratos dos escriptores mais illustres. Cincoenta janellas, divididas em duas ordens, superior e inferior, illuminam perfeitamente a casa; d'entre ellas merecem especial menção as do cruzeiro; maiores do que as suas lateraes, medem 3^m,5 por 2 metros, e têm sacadas, cujos parapeitos são apoiados em balaústres de calcareo branco. Aos lados d'estas janellas, com frente para o jardim do convento, ha dois gabinetes onde se guardam musicas, alguns manuscritos, opusculos, mappas e espheras. Finalmente duas portas praticadas nas faces lateraes internas da sala abrem sobre duas espaçosas escadas de marmore, e communicam com todos os pavimentos do convento. Nos dois topos da casa ha quatro portas que dão passagem aos dois vestibulos de que fallámos.

(Continúa)

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES

Socio da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes.

SECÇÃO DE CONSTRUCCÕES

TECNOLOGIA DA EDIFICAÇÃO

IV

(Continuado do numero antecedente)

Hygiene dos edificios publicos. — Com quanto a hygiene dos grandes edificios destinados ao uso do

publico ou a permanencia de grande numero de pessoas, esteja sujeita a bases fixas fundadas nos mesmos principios em que se funda a hygiene das habitações particulares; é necessario, não obstante, ter em vista algumas circumstancias relativas e especiaes.

No numero dos edificios de que se trata comprehendem-se *as egrejas, os hospitaes, os quartéis, as prisões, os theatros, os matadouros, os mercados, os banhos publicos, as escolas, os hospícios.*

Quanto ás *egrejas*, diremos que a todas falta uma circumstancia essencial, especialmente nas egrejas das provincias: em nenhuma se encontra uma saudavel renovação de ar, por meio de bem estabelecidas ventilações como a sciencia ensina e recommenda.

Para isso se conseguir seria necessario promover uma corrente continua de ar estabelecida tres metros pelo menos acima das cabeças dos concorrentes, posta em acção por uma espaçosa tiragem (*cheminée d'appel*) que seria facil de construir no centro do tecto.

O ar nas egrejas é talvez o ar mais viciado que se pôde aspirar, por isso que contribuem para essa viciação poderosas causas, taes como a respiração e emanações dos assistentes, a combustão do incenso, e das luzes; sem mesmo ter em conta as exhalacões do solo, n'aquellas egrejas que outr'ora serviram de cemiterios.

O frio humido que quasi sempre alli se sente, e o cheiro nauseabundo que se encontra quando se entra na occasião de grande agglomeração de gente, são circumstancias que podem ser prejudiciaes á saude dos concorrentes, e esse perigo é tanto mais traidor, quanto é difficil julgar-se ser aquella a sua origem. Em taes circumstancias a saída brusca para o ar livre, especialmente á noite, não é tambem menos perigosa.

A falta de assentos confortaveis nas egrejas obriga as senhoras e mesmo os homens a conservarem-se por muito tempo em posições incommodas, bem como a utilisarem as senhoras para assento as lages e degraus de pedra, o que, além de ser desagradavel pôde originar graves padecimentos.

A área de uma igreja deve estar elevada pelo menos um metro acima do nivel do terreno, em que fôr edificada, e os seus telhados assentes sempre sobre abobodas. Alguem diz que os sobrados devem ser de madeira de carvalho, pinho manço ou faia, e que isso seria o meio de tornar os templos mais saudaveis.

É um erro grave em relação á hygiene das egrejas consentir proximo a ellas os cemiterios, facto que muitas vezes se dá nas egrejas das villas e aldeias, com quanto os habitantes d'esses logares tenham tanto direito á sua conservação como os das cidades.

Hospitaes. — A sua melhor situação é sempre fóra dos logares muito povoados, e em sitios onde a circulação do ar se opere livremente.

A sua edificação pouco elevada e em peças parallelas e separadas por espaçosas avenidas é

actualmente a que se julga mais commoda e mais util.

As dimensões recommendadas para as enfermarias são 5 metros pelo menos de elevação para os tectos, 10 metros de largura na casa e o comprimento proporcionado ao numero de camas que tiver a conter, que se deve calcular 35^m,70 para cada 15 leitos.

Ponto porém mais importante em taes estabelecimentos é a boa ventilação; o sr. *Poumet* demonstrou pelos seus calculos, que cada doente exige 20 metros cubicos de ar a 16° centigrados por hora; *é portanto claro que a renovação do ar em boas condições é questão de vida ou morte; porque todo o hospital em que circule ar viciado, bem longe de ser uma casa de beneficencia, torna-se uma calamidade publica.*¹

Quanto á temperatura, o que se deve ter sempre em vista é a temperatura do ar que se renova pela ventilação; dispondo as cousas conforme as indicações da sciencia e de modo que nunca se produza uma temperatura muita elevada, nem muito baixa.

Hospícios e albergues. — Nos estabelecimentos destinados ao abrigo da infancia ou da velhice, não está o ar sujeito a soffrer alteração como nos hospitaes e por isso as dimensões dos dormitorios, e os meios de aquecimento estão sujeitos a outras regras e podem ser calculados na razão de 12 metros cubicos de ar por hora para cada individuo de maior idade e ainda menos para as creanças.

Quanto ás mais circumstancias hygienicas estão taes estabelecimentos dependentes de todas as regras indicadas para os edificios onde tenha de reunir-se grande quantidade de pessoas.

(Continúa)

F. J. DE ALMEIDA.

A MADEIRA DE CONSTRUÇÃO E A AMERICA DO NORTE

No principio do anno corrente fazia um jornal de Nova-York, escripto em castelhano,² algumas considerações não só curiosas, mas tambem graves e importantes, ácerca da madeira para construção de edificios, para um sem numero de applicações ás conveniencias da industria moderna.

Particularmente se referem essas considerações ao continente da America do Norte; mas assim mesmo envolvem algumas idéas geraes sobre um assumpto em que tambem é interessada a architectura.

Não nos faremos cargo da questão da colonisação (aliás vital para os Estados Unidos), nem tão pouco das minudencias relativas ao corte, serragem e trans-

¹ Jornal — *La Santé*.

² *El Espejo*.

porte das madeiras extraídas das florestas que ainda existem em algumas regiões. Essas especialidades não quadram á indole d'este *Boletim*, com quanto sejam de summo interesse debaixo de outros pontos de vista. Só, pois, na generalidade da materia percorreremos as considerações indicadas, e ainda assim, muito por maior, e inteiramente a nosso modo.

Se o homem faz hoje excavações no solo do globo, para trazer á luz do dia os vestigios da idade de pedra, de bronze, de ferro, é dado conjecturar que, milhares de annos depois da presente epoca, se descubra uma idade de madeira, característica do século XIX, á qual se seguiram os periodos de ladrilho, de pedra, de ferro.

Na colonisação de um paiz novo (e tal é o caso muito repetido na America do Norte) o elemento primordial é a *madeira*. E com effeito, se fitarmos a attenção nos colonos que vão em busca de novas terras, de novos sitios para fundar povoações, ou para crear novas fontes de riqueza, veremos desde logo que apenas houverem fixado a sua escolha, lhes surge a fatal necessidade da madeira. Necessitam de armar o tecto que os ha de abrigar, — de construir o tapume que ha de cercar as suas searas, — de lançar pontes sobre os rios, — de fabricar vehiculos, — de preparar instrumentos da lavoura e utensilios de varia natureza.

Ainda mais. Se no grau de cultura a que tem chegado a humanidade, no tocante ao aproveitamento das forças da natureza reveladas pela sciencia, — se em tal estado de progresso occorre aos colonos abriu um caminho de ferro, impreterivel lhes é empregar as travessas em que hão de assentar os carris, — e essas travessas são de madeira.

E aqui, le passagem, faremos notar uma circumstancia que põe em relevo a actividade pasmosa da raça anglo-saxonica. Um emprehendedor, de que se encontram não poucos exemplos nos Estados Unidos, chegou a dizer:

« Bem podes traçar um caminho de ferro em um ermo, e contruil-o com quanta energia e rapidez o permittam o desejo mais vivo e o capital mais amplo: assim mesmo levar-vos-ha a dianteira o colonisador. »

Disse bem; pois que mais de uma vez tem surgido da terra, como por encanto, e para assim dizer, da noite para o dia, uma povoação com a sua egreja, imprasa, escola, precisamente em sitios onde só existiam asolidão e a nudez do deserto. Vieram depois os agricultores, e com o arado fizeram apparecer o campo de trigo, seguindo-se a actividade da vida indutrial e commercial.

Espantam imaginação as difficuldades que encontram os emprehendedores, ainda os mais ousados e perseverants, até ao momento de apresentarem no mercado,rompta para o consumo, a madeira,

materia prima indispensavel de construcções omnimodas. « Não ha negocio que demande maior energia, mais tenaz e indomavel persistencia. Desde o instante em que o *lenhador* fere o tronco do pinheiro com o machado, até que o deposita no moinho de serragem, está em continua lucta com os elementos, e pôde mesmo dizer-se — com a sorte. A muita ou pouca neve são para elle igualmente desastrosas. O fogo destroe as florestas, e os moinhos de serragem, movidos a vapor, estão expostos a ser devorados pelas chammass. »

O desenvolvimento d'este enunciado tomar-nos-ia muitas paginas; e ainda depois d'elle nos seria necessario dar conta dos embaraços, dos riscos, das despezas avultadas do transporte da madeira, attendendo á extraordinaria distancia a que estão do mercado os pontos onde se opera a serragem, já de si muito arredados dos bosques onde se cortam os troncos.

E ainda mais demorada seria a nossa descripção, se nos abalançassemos a fazer sentir o quanto de esforços intelligentes e bem dirigidos se empregam para remover difficuldades, — o quanto estão levadas á maior perfeição as operações diversas que este trafico demanda. Um só exemplo: Ha vinte annos considerava-se ser um bom machinismo de serragem, aquelle que dava 30 a 50:000 pés de taboas por dia; hoje muitos ha que dão aviamento a 150 até 175:000 pés no mesmo espaço de tempo; de sorte que um só pôde dar vasão, ou pouco menos, por dia á carga de um barco.

Os estados em que mais abunda a madeira são os de Michigan, Wisconsin e Minnesota. Depois d'elles vem alguns pontos do Mississippi, a Pensilvania, Nova York, Georgia, Florida, Alabama.

As principaes regiões productoras na vertente do Pacifico estão situadas ao longo da costa, desde S. Francisco da California até á Sonda Puget. A respectiva exportação de madeira effectua-se para o Mexico, China, Australia, Perú, Calcuttá, Tahiti e outras ilhas do Pacifico.

É sabido que os americanos do norte são grandes calculadores, apresentando por vezes calculos estravagantes, destinados aliás a dar uma idéa de proporções em quantidades gigantescas. Calcula-se a producção annual de madeira nos Estados Unidos em 10.000.000,000 de pés. Esta somma representa a carga de 50.000 barcos, avaliada para cada barco em 200.000 pés, termo medio, ou em 1,428,571 wagons de ferro-carris (7:000 pés cada um). Os wagons corresponderiam a um comboio de 8:500 milhas, isto é, um terço da circumferencia do globo.

Occorreu perguntar: Quanto tempo durarão as florestas, para que possa durar a extracção annual da madeira? Quando se esgotar o pinho, a qual materia se ha de recorrer para as construcções? A con-

tinuar a extracção como hoje, dentro de trinta a cincoenta annos não ficará uma arvore em pé; e então acabará a idade de madeira.

Não tomamos a responsabilidade dos vaticínios do

articulista; expomos apenas o que se escreveu na America, e deixamos á critica o direito que lhe pertence.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

SPHRAGISTICA BRAZILEIRA

DOMINIO HOLLANDEZ

A sciencia que tem por objecto o conhecimento, a descripção e interpretação dos sellos, é sem duvida uma das que podem prestar poderoso auxilio aos estudos historicos.

A Sphragistica¹, diz o sabio archeologo Millin, citado por Chassant² é irman da numismatica e da numaria.

A ignorancia dos elementos preciosos que a historia pôde colher do estudo dos sellos, foi de longa duração. Apesar da auctoridade com que se apresentavam os trabalhos dos de Vaines, Lobineau, Mabillon e Menestrier, largos annos se passaram antes que a sigillographia podesse conquistar o logar que de direito lhe competia entre as sciencias subsidiarias da historia.

Essa indifferença produziu effeitos desastrosos, pois que d'ella resultou a destruição de incalculavel numero de sellos de toda a especie.

D. Antonio Caetano de Sousa ao publicar a serie chronologica dos sellos reaes dos monarchas portuguezes, no tom. iv, liv. v, da sua *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, expressava-se a esse respeito n'estes termos:

«O pouco cuidado com que se guardaram estas e outras antigualhas foi causa de se augmentar o trabalho de quem entra em semelhante averiguação, e assim casualmente vieram a salvar-se os que alcançamos de um descuido quasi irreparavel, podendo-se seguir d'elle não termos aquelle pleno conhecimento que pudéramos ter de muitas cousas antigas; porque é certo que de todas estas partes se compõe a historia e a genealogia».

O Doutor João Pedro Ribeiro, primeiro fundador e patriarcha entre nós da sciencia diplomatica, na phrase do auctor do *Diccionario Bibliographico*

¹ Assim denominada do grego *sphragistikos*, derivado de *sphragis*, sello. Tambem se lhe dá o nome de sigillographia, do latim *sigillum*, sello, e do grego *graphos*.

² *Dictionnaire de Sigillographie pratique, contenant toutes les notions propres à faciliter l'étude et l'interprétation des sceaux au moyen âge*, por Alph. Chassant e P.-J. Delbarre. Eyreux e Paris. Dumoulin. 1860. in 12. com 16 est.

Portuguez, diz tambem na sua *Dissertação sobre a Sphragistica Portuguesa, ou Tractado sobre o uso dos sellos no nosso reino*, estas palavras:

«Sem me cansar em mostrar o interesse de um systema compendiario, sobre um assumpto cuja importancia já foi superabundantemente inculcada por D. Antonio Caetano de Sousa, por isso mesmo que é o primeiro que apparece entre nós, tenho direito a pedir venia aos meus leitores sobre a escassez de especies que talvez acharão n'este escripto; mas esta nasce, em grande parte, do descuido que tem havido entre nós da conservação dos mesmos sellos, apparecendo na maior parte dos documentos que d'elles foram munidos apenas o logar aonde foram applicados¹.»

Ultimamente para obstar á continuação de um tal estado de cousas, lembrou o nosso illustrado amigo e consocio sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, em sessão da segunda classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa, de 20 de dezembro do anno passado, a conveniencia de se communicarem ao publico muitos sellos, de alto valor historico, existentes no Archivo Nacional da Torre do Tombo, resolvendo a Academia, em sessão da assembléa geral de 7 de fevereiro ultimo, que a publicação d'esses monumentos sigillographicos fosse levada a effeito a expensas suas, com o que muito devem folgar os que se dedicam a este genero de estudos.

Mas venhamos já ao nosso proposito.

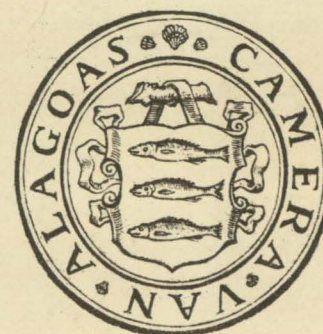
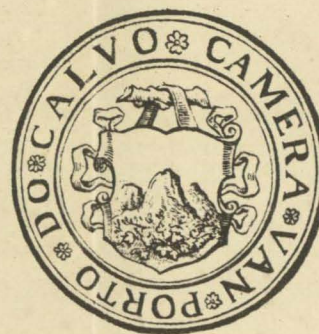
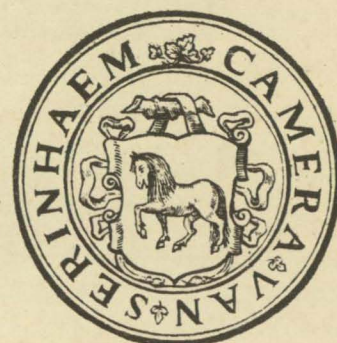
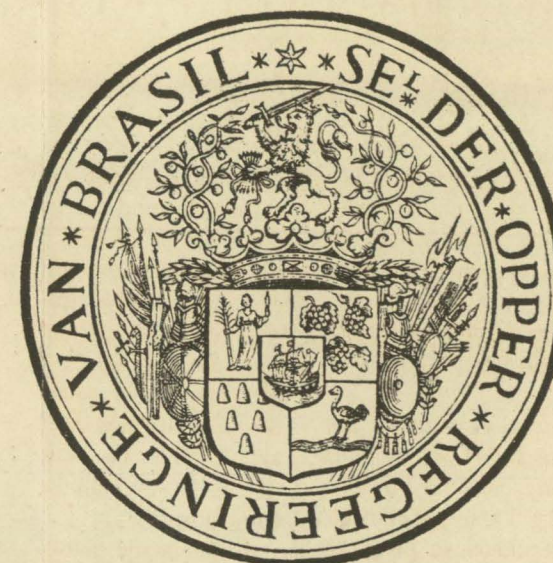
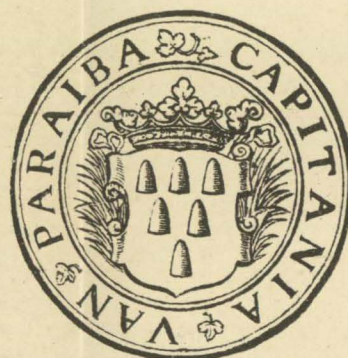
No artigo que publicámos a pag. 26 do tom. i. d'este boletim (2.^a serie, numero 2), sob a epigraphe *Numismatica Portuguesa*, dêmos noticia das moedas obsidionaes, de oiro e prata, cunhadas no Brazil pelos holandezes, e transcrevemos o que, em relação a essas moedas, referia o visconde de Porto-Seguro na sua *Historia das luctas com os holandezes no Brazil, desde 1624 a 1654*.

Havendo de tratar n'este numero dos sellos em uso no Brazil durante o dominio d'aquella nação, procurámos obter pelos processos photo-lythographicos, e por obsequiosa intervenção do sr. José Julio Rodrigues, a reproducção que hoje offerecemos aos nossos leitores, de uma rarissima gravura

¹ *Dissertações chronologicas e criticas*, tom. i, dissert. iii, pag. 82.

BOLETIM

DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES



Seq. Phot. — Photolith. — (fac simile)

ESTAMPA 27

SPHAGISTA BRAZILEIRA

em madeira existente no museu da nossa Real Associação, e ali depositada pelo seu digno Presidente o sr. J. P. Narcizo da Silva.

Acerca d'esta gravura dizia-nos o sr. J. E. Hooft Iddekinge, actual director do gabinete numismatico de Leiden, em carta datada de 24 de setembro de 1874, entre outras cousas, o seguinte, que transcrevemos com venia sua.

«Quant au Brésil j'ai fait une découverte qui, je n'en doute pas, vous intéressera. C'est-à-dire que j'ai trouvé une gravure de tous les sceaux en usage au Brésil pendant la domination hollandaise.

«Ces sceaux sont totalement inconnus ici, et le hasard a gardé cette gravure du *xvii*^e siècle, dont j'ai trouvé, chose étrange, deux exemplaires à la fois, les seuls que l'on connaisse.

«J'ai destiné un des deux au monde savant du Portugal, mais je ne sais comment faire pour expédier cette précieuse gravure. Depuis longtemps je garde des objets que je veux offrir à mon digne ami mr. da Silva».

Pouco tempo depois era recebida em Lisboa, de envolta com aquelles objectos, a gravura a que nos estamos referindo, e com ella a interessante noticia que damos em seguida.

«La gravure en bois ci jointe, dont j'ai trouvé seulement deux exemplaires, est le premier monument qui nous fait connaître les sceaux en usage au Brésil pendant la domination hollandaise.

«Voici l'origine de ces gravures.

«Gérard Schaap, échevin d'Amsterdam, (où il fut né en 1599), en 1650 ambassadeur des États Généreaux des Pays Bas en Angleterre, avait l'intention de publier un grand ouvrage sur les médailles, jetons, monnaies et sceaux des Pays Bas en général. Effectivement il a commencé l'impression, mais je ne sais pourquoi il ne l'a jamais terminé, et son livre n'a pas paru.

«Pour ce livre il avait fait faire des centaines de gravures sur bois, d'une exécution supérieure. On savait cela, mais personne n'en avait jamais vu quelque chose, lorsque moi j'achetais, il y a un an, en vente publique, deux portefeuilles contenant des notes manuscrites et des feuilles couvertes de gravures. J'avais là tout ce qui restait de l'ouvrage projeté de Gérard Schaap, et en même temps j'avais fait une acquisition importante, tant pour l'histoire et la numismatique, que pour l'histoire de l'art de graver sur bois, car il y avait là des épreuves de *tous les bois*, que Schaap avait fait graver.

«Parmi ces gravures dont le nombre monte à quelques centaines, il y a deux feuilles représentant les sceaux hollando-brésiliens du *xvii*^e siècle, complètement inconnus jusqu'ici. Tandis que j'en garde une, je me fais un plaisir d'offrir l'autre aux sa-

vants du Portugal¹, qui s'intéressent peut-être encore plus que nous à tout ce qui a rapport au Brésil. On le voit, cette feuille, qui compte plus que deux siècles, a gardé sa fraîcheur primitive, elle fut découpée par Schaap lui-même pour insérer ces gravures dans son manuscrit à mesure qu'il avançait. Le sceau de François, duc d'Alençon, gouverneur des Pays Bas, et ceux de la ville d'Amsterdam, sur cette même feuille, prouvent à l'évidence que ce ne sont que des feuilles d'épreuves, qui ont une valeur d'autant plus grande parce que l'ouvrage au quel elles furent destinées n'a jamais paru.»

A gravura original apresenta com effeito o recorte a que allude o sr. Hooft, bem como os sellos de que o mesmo senhor faz menção, os quaes, por não servirem ao nosso intento, deixaram de ser reproduzidos na estampa que acompanha este artigo.

Ahi figuram em primeiro logar os das quatro capitanias de Itamaracá, Pernambuco, Parahyba e Rio Grande, a que se segue o *sello do governo central do Brazil*, em segundo logar os das camaras de Iguarassu, Serinhaem, Porto-Calvo² e Alagoas³, e por ultimo o *sello grande do conselho de justiça do Brazil*.

Recorrendo de novo á bem elaborada obra, acima citada, do nosso antigo e muito presado amigo visconde de Porto Seguro, ha pouco fallecido em Vienna d'Austria, onde exercia o elevado cargo de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de sua magestade o imperador do Brazil, achámos que já ahi se fazia memoria dos sellos e brasões d'aquellas quatro capitanias por estas palavras:⁴

«Fiel ás tradições da Europa, em que tinham tomado tanta parte os seus antepassados, deu Nassau⁵ brasões d'armas a todas as provincias dependentes do seu governo, como antes praticára a Hespanha com todas as capitanias e provincias da America, que colonisára. A provincia de Pernambuco era representada por uma donzella, com uma canna de assucar na mão direita, vendo-se em um

¹ A affeição do sr. Hooft Iddekinge pela nação portugueza bem se deixou ver no modo porque a deputação da Universidade de Coimbra foi saudada, por este distincto professor, nas festas do Tricentenário da Universidade de Leiden. Veja-se o *Relatorio* do sr. doutor Augusto Filipe Simões, um dos delegados, a pag. 28.

² As villas e municipios de Iguarassu e Serinhaem pertencem hoje á provincia de Pernambuco, e ás comarcas de Olinda e Rio Formoso. A villa e municipio de Porto-Calvo pertence á provincia e comarca das Alagoas.

³ Séde de comarca, mais tarde cabeça da capitania e da provincia, a villa, posteriormente cidade das Alagoas, perdeu em 1839 a cathogoria de capital, então conferida á cidade de Maceió.

⁴ *Historia das lutas com os holandezes*, 1.^a edição, Vienna d'Austria, 1871, pag. 126 — 2.^a edição, Lisboa, 1872, pag. 178.

⁵ O conde de Nassau, João Mauricio, appellidado depois o *Brazileiro*, era primo do principe de Orange, Stadthouder de Hollanda.

espelho, que sustinha na mão esquerda. Itamaracá, terra proverbial de boas uvas no Brazil, tinha tres cachos d'ellas; a Parahyba, já famosa pela bondade do seu assucar, contava d'elle cinco pães¹; e as campinas do Rio-Grande do norte eram symbolisadas por uma ema. Estas concessões, cujo alcance não póde ser por ventura apreciado pelo vulgo, tinham origem em pensamentos elevados, de representar tambem o paiz na arte heraldica, a qual se reduz a uma linguagem hieroglyphica e symbolica, que falla ao coração e que por todos os homens civilisados é entendida, qualquer que seja a sua lingua.»

Ao que fica expendido observaremos por ultimo que n'aquella epocha era ainda vulgar, tanto nos desenhos e nas gravuras, como nas moedas e medallhas, a falta de indicação, nos sellos e brasões, do *esmalte* do escudo, isto é: das *cores e metaes* que deviam entrar na sua composição. Na gravura que se apresenta parece que todos os emblemas assentavam em fundo branco, isto é: *em campo de prata*, e é possível que assim não fosse.

JORGE CESAR DE FIGANIÈRE.

MEMORIA HISTORICA

DO

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

DE

Monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre

(Continuado do n.º 6, pag. 93)

IX

Pela terminação do litigio ficou segura a subsistencia das monjas, e robustecido o poder do mosteiro, longo tempo minado por formidaveis inimigos. Desassombrada de estranhos cuidados, empenha-se a prelada em condecorar a casa, promovendo a sagração do templo.

Notaveis, e cheias de significações mysticas, são as ceremonias que a igreja catholica usa n'este acto solemne; de todas uma só tocaremos, por mui digna de ser conhecida.

No dia antecedente á consagração escreve o bispo em um pergaminho o anno e dia em que a igreja

¹ Aliás seis, como se vê da estampa.

Sem mostrar nenhuma saudade de que se votassem ao esquecimento esses brasões impostos pelo dominio estrangeiro, não podemos deixar de sentir ver abandonados os brasões da *pomba da Arca* e das *frechas do martyrio*, concedidos por decretos ás nossas duas primeiras cidades, e substituidos até nas obras de arte pelas prosaicas palavras BAHIA e RIO DE JANEIRO.

NOTA DO AUCTOR.

é consagrada, seu proprio nome e dignidade, e o do orago, em cuja honra se dedica. O theor d'esta inscripção, pela maior parte, se entalha n'uma pedra, a qual se colloca em lugar patente.

X

Corria o anno de 1372; governava a familia cisterciense D. Joanna de Mello, a ultima abbadessa perpetua que teve o mosteiro. Deferindo ás suas instancias presta-se o bispo D. André de Noronha a celebrar a dedicação do templo no dia 14 de fevereiro d'aquelle anno.

Observam-se todos os preceitos da liturgia sagrada, que regulam a solemnidade, á qual concorre toda a cleresia e nobreza da cidade. Foi luzida e pomposa, sob todos os respeitos, como requeria a piedade da abbadessa e a bizzarria do bispo, que n'este officio quiz ostentar-se protector generoso do mosteiro, que outr'ora molestára com pretensões injustas.

Conserva-se da sagração o monumento, a que já nos referimos. É um formoso marmore embebido na parede, por cima da pia da agua benta, á entrada do templo, com a inscripção seguinte:

TEMPLUM HOC A GEORGIO A MELLO,
EGITANENSI EPISCOPO, STRUCTUM, PRECIBUS
D. JOANNAE A MELLO
ABBATISSAE, D. ANDREAS A NORONHA,
EPISCOPUS SS. PORTALEGRENSIS, CONSECRAVIT ANNO
DNI 1372. 17 KAL. MARTII

XI

O templo é de fórma crucial, com tres altares de frente e dois lateraes, se como tal considerarmos o tumulo do bispo, posto que n'elle se não possam celebrar os officios divinos.

A hastea da cruz corresponde superiormente ao altar-mór (tem outros dois em capellas lateraes), e inferiormente aos córos das freiras, ficando de uma e outra parte o tumulo, e o altar de Nossa Senhora.

Os braços da cruz estão desoccupados; o direito dá accesso a quem entra no templo. Do primitivo restam apenas as paredes, a aboboda com suas laçarias, e o mausoleu de D. Jorge. De fabrica moderna, evidentemente, são as janellas, os retabulos da capella-mór e da capella fronteira ao tumulo do bispo.

Cremos que estas novas construcções se operaram em 1739, quando se cobriram de azulejos as paredes da igreja até á altura em que presentemente se acham cobertas. É provavel que n'esse anno se removesse do arco da capella-mór, onde se

achava á parte esquerda, ¹ o marmore com a inscripção transcripta para o logar superior á pia de agua benta.

É de recente data a construcção do guardavento; mandou-o fazer, ha poucos annos, o ultimo director do mosteiro da congregação dos monges de Alcobaca, Francisco d'Azevedo Lobo de Almeida Leme, fallecido em 16 de dezembro de 1868.

XII

É de marmore de Estremoz toda a fabrica do tumulo, *sepultura a mais sumptuosa e soberba que ha no reino*, segundo o testemunho de Jorge Cardozo. ²

Representam as estatuas do portico S. Joaquim e Santa Anna, como abraçando-se e conversando: estão aos seus lados da parte do evangelho o patriarcha S. Bento, e da parte da epistola S. Bernardo.

Acha-se deitado como em um altar, em grandeza natural, o bispo D. Jorge de Mello, revestido de habitos prelaticios, mitrado e as mãos postas.

Na face do tumulo lê-se o epitaphio seguinte, por certo de muita honra para o bispo, se é que foi aberto depois da sua morte: ³

Georgius de Mello Episcopus Egitanensis, vir et generis nobilitate, et animi virtute clarissimus, qui hoc templum, augustissimasque aedes, in quibus indotatae Virgines Cisterciensis Ordinis institutis deditae alerentur, ob insignem adversus ipsum ordinem religionem pietatemque fecit, ac Divae Virginis Matris Conceptioni dicavit. Vasa, vestis, pecuniam, praedia, et ad sacra, et ad Sacerdotum, Virginumque victum de suo statuit, dum ad suarum virtutum proemia capessenda profectionem parat (ut quod ex se terra erat, terrae deponeret), hoc sibi sepulchri monumentum vivens posuit.

Quer dizer em vulgar:

«Jorge de Mello, bispo das Idanhas, varão clarissimo em nobreza de sangue e grandeza de alma, construiu este templo e este mosteiro magnifico, para n'elle viverem virgens sem dote, vacando ao instituto da ordem cisterciense, pelo insigne amor e devoção que tem á mesma ordem. E dedicou-o á Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa, e de sua fazenda o dotou de vasos sagrados, paramentos, dinheiro, predios, para prover não só ás despesas do culto divino, mas á sustentação de seus ministros e á das religiosas. Emquanto vae aparelhando a partida para onde ha de receber o premio de suas virtudes (pois á terra ha de restituir o que da terra

houve) em vida erigiu para seu jazigo este monumento.»

É, em verdade, uma obra prima este famoso monumento sepulchral, não só na opinião do licenciado Jorge Cardozo, mas na de todos os homens intelligentes e de gosto apurado.

Não podemos asseverar com certeza qual foi o escopro que cinzelou tão bellas estatuas, e executou labores tão primorosos; reconhece-se que foi o mesmo que lavrou o portico do templo, que, pelos bustos em medalhões, vasos, pilastras estreadas, e outras miudezas e ornatos exquisitos, que n'elle se vêem, faz lembrar os da porta lateral excrecente de pedra de Ançã da sé velha de Coimbra.

Cremos, por isso, que o tumulo e o portico do mosteiro cisterciense de Portalegre foram, como a porta do templo conimbricense, obra de João de Castilho, coincidindo aliás a epoca das construcções com a da florecencia do celebre architecto.

(Continúa.)

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

O SR. CONDE ARTHUR DE MARSY

Um bom serviço por elle prestado á Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes

II ¹

Entre os apontamentos do sr. conde de Marsy encontramos tambem algumas curiosidades de que nos parece conveniente dar noticia, em continuação das que já apresentámos.

Indicação dos portuguezes que foram nomeados cavalleiros da Ordem do Espirito Santo na primeira metade do presente seculo

D. João VI nasceu em 12 de maio de 1767; teve o titulo de rei aos 30 de março de 1816; falleceu em 10 de março de 1826.

D. Miguel Maria do Patrocinio, infante de Portugal; nasceu em 26 de outubro de 1802; falleceu no palacio de Brounbach (grão ducado de Baden) a 14 de novembro de 1866.

D. Pedro de Alcantara, principe regente do Brazil; nasceu a 12 de outubro de 1798; falleceu a 24 de setembro de 1834. Foi imperador do Brazil, com a designação de D. Pedro I, a contar de 12 de outubro de 1822.

A D. João VI e a D. Miguel foram entregues as insignias no dia 19 de setembro de 1823, no palacio da Ajuda, pelo embaixador de França, Hyde de Neuville, assistido de Charles de Maison, arauto rei de armas de Luiz XVIII.

¹ Continuado do n.º 5 do Boletim, pag. 79.

¹ Vide *Agiologio Lusitano*, tom. I, pag. 436.

² *Agiologio Lusitano*, tom. I, pag. 436.

³ *Historia chronologica e critica da real abbadia de Alcobaca*, pag. 152.

A D. Pedro foram entregues as insignias, no Rio de Janeiro, pelo conde de Gestas, encarregado de negocios de França no Brazil.

Indicação dos cavalleiros de Malta portuguezes

O sr. conde de Marsy tomou nota de que mr. de Mas Latrie reproduziu nos *Archivos das missões scientificas* (tom. vi, pag. 50) os epitaphios e inscripções que se encontram na cathedral de Malta, e que pela maior parte tinham sido mal copiadas na publicação feita anteriormente por Caruana.

Eis aqui a lista, por extenso, de todos os hespanhoes e portuguezes que ali figuram, com o numero remissivo ao da inscripção. Os nomes portuguezes vão marcados com caracteres italicos.

P. de Abreu e Lima, n.º 334; *N. Abri Dezcalzar*, n.º 225; *P. de Albertus*, n.º 391; *J. d'Almeida*, n.º 101; *E. Almeida de Vasconcellos*, n.º 289; *J. Argote y Guzman*, n.º 226; *J. P. de Arriaga e Riamco Orbi*, n.º 227; *E. Ballesteros*, n.º 228; *J. Ballesteros la Torre*, n.º 345; *S. Basurto*, n.º 229; *A. F. Belarde et Zespedes*, n.º 393; *P. de Bertis*, n.º 103; *B. Caamano*, n.º 230; *P. U. Camarasa*, n.º 269; *J. J. Caraffa*, n.º 368; *F. Caraffa*, n.ºs 270 e 271; *G. Casha*, n.º 108; *G. X. Castro*, n.º 404; *J. de Cataccio*, n.º 231; *R. Ceba*, n.º 232; *T. Contreras*, n.º 199; *J. Contreras e Villaroel*, n.º 234; *M. Cortés*, n.º 166; *M. J. Coloner*, n.º 282; *P. Coutinho*, n.º 235; *G. Doz*, n.º 266; *M. Doz*, n.º 71; *J. de Duenas*, n.º 283; *M. Dureta*, n.º 167; *B. de Espeleta y Xavier*, n.º 168; *Z. M. de Figuera*, n.º 200; *G. de Figuera*, n.º 382; *G. Galdien*, n.º 169; *J. Garses*, Vid. Puiyro; *B. Gort*, n.º 304; *F. Guedes*, n.º 242; *T. de Hozes*, n.º 202; *C. Lopes*, n.º 74; *A. Loiz*, n.º 305; *B. Miraval e Spinola*, n.º 390; *B. de Marcina*, n.º 201; *A. Moix*, n.º 172; *L. de Moncada*, n.º 170; *G. de Monreal*, n.º 250; *M. de Novar*, n.º 171; *E. Pereira*, n.º 330; *J. Pereira Pinto*, n.º 386; *F. Carvalho Pinto*, n.º 388; *M. A. Pereira Pinto Coutinho*, n.º 387; *M. Alvaro Pinto*, n.º 293; *H. Pinto de Miranda*, n.º 203; *M. Plata*, n.º 267; *G. de Perras*, n.º 204; *J. G. de Pueyo*, n.º 143; *F. Quintanilla*, n.º 254; *J. de Ribas e Boxados*, n.º 285; *C. de Ribas e Castelbel*, n.º 81; *M. de Los Rios*, n.º 218; *M. de Robles*, n.º 159; *U. de Rocasall*, n.º 255; *J. Rossel de Homedes*, n.º 192; *G. Rull*, n.º 122; *P. de Saavedra*, n.º 205; *A. Sanz de la Llosa*, n.º 173; *A. Scudero*, n.º 351; *A. Seralta*, n.º 74; *R. Soler*, n.º 258; *A. de Sousa*, n.º 299; *E. A. de Sousa e Almeida*, n.º 259; *R. de Sousa*, n.º 219; *F. de Sousa e Menezes*, n.º 297; *P. Togores*, n.º 309; *M. Torellas e Sentmanat*, n.º 320; *F. de Torres*, n.º 206; *F. Vargas y Castro*, n.º 361; *D. Velez de Guevara*, n.º 390; *J. M. de Vilhena*, n.º 355; *F. de Villalonga*, n.º 221;

J. de Villaroel, n.º 207; *J. Ximenes de Vedoja*, n.º 300; *J. Zurzana*, n.º 222; *F. Zurita*, n.º 85; *F. Zurita Uaro*, n.º 124.

Nos *Archivos do Imperio* (K. 57, n.º 36) ¹ encontrou o sr. conde de Marsy o original d'esta nota:

«Ordem dada pela rainha Branca ao inspector de suas florestas e aguas, e ao visconde de Gisors, para fazer entregar a Pedro d'Andely, capellão da capella real, o preço da venda de madeira proveniente do decote das arvores cortadas nas suas florestas, para fornecer remos que el-rei seu filho deu ao rei de Portugal. — Bellozanne, 10 de setembro de 1378.

Dá conhecimento da seguinte formula de correspondencia empregada por Luiz xiv para com os reis de Portugal.

No principio da carta: *Monsieur mon frère*. (Tratamento de magestade).

Assignatura: *Votre bon frère*.

Sobrescripto: *Au roi de Portugal monsieur mon frère*.

A rainha: *Madame ma soeur*, etc.

Aos infantes de Portugal: Tratamento de *Frères et soeurs*. — *Mon frère*. — *Votre bon frère*. — *À mon frère le prince du Brésil*. — *À mon frère l'infant D.*

Tambem o distincto investigador nos dá conhecimento de que nas *Causeries d'un curieux* de Feuillet de Conches, se encontram numerosos esclarecimentos biographicos ácerca dos jesuitas portuguezes que no seculo xvii foram á China, e lá exerceram funcções importantes, ou se entregaram a grandes trabalhos.

Toma nota d'uma representação de D. Benedicto Henrique Duchesne, abbade de Morimond, da ordem de Cister, diocese de Langre, na qual pede a sua magestade que em virtude do direito que lhe dá a sua abbadia é elle o superior immediato, visitador e reformador das ordens, milicias e commendas, cavalleiros e commendadores de Calatrava, de Aviz e de Christo, dos reinos de Hespanha e de Portugal: superioridade que não poderia ser contestada, pois que consta dos titulos originaes que estão nos archivros, dos quaes se juntam á memoria os competentes extractos (bullas, titulos e diplomas diversos), que effectivamente acompanham a representação.

Transcreve noticias sobre o estado do reino de Portugal nos annos de 1628, 1647, 1685 e 1697.

A primeira é dividida em seis partes: 1.ª, situação, area, comprimento e largura do reino de Portugal, cidades, rios e ribeiras, portos e enseadas, nomes

¹ Carton des Rois — Charles v. Monuments historiques. — Vr. Tardif n.º 1576.

que outr'ora se deram a este reino; 2.^a, condições excellentes do paiz, fertilidade em vinho, azeite, escassez de trigo, minas de ouro e de prata, abundancia de sal; 3.^a, justiça e governo de Lisboa e de Portugal; 4.^a, rendimentos de Portugal; 5.^a, despesa annual; 6.^a, cidade de Lisboa.

No que toca a esta ultima parte vamos apresentar na integra e conservando a orthographia do original, o que o auctor da noticia diz:

«La ville de Lisbonne a trente deux Eglises parochiales et plus de douze mille maisons qui comprennent plus de vingt mille demeures, sans compter la cour et les dependances et les Eglises et monastères. Le nombre des habitans y est de plus de cent vingt, entre les quels il y a plus de dix mille mores et Esclaves, et ainsi appert par les roolles et signatures des Pasteurs des paroisses qui sont obligez chacun en son quartier et paroisse, sans nulle exception, d'exhiber aussi les mémoires de ceux qui suivent la cour et de ceux qui se trouvent es monastères, couvent, hospitaux et autres lieux de pitié, comme aussi des estrangers et passagers: car la ville est tellement remplie de monastères, couvents et hospitaux qu'ils montent à peu près autant que les maisons de la ville. Le nombre des chapelles et autres petits oratoires de la Vierge et des Saints est infiny. La ville a plus de trois cens 50 rues, sans compter les ruelles et venelles, qui s'y trouvent en très-grand nombre.»

No que toca ao anno de 1647, com grande fervor trata o auctor da memoria, do attentado que esteve para perpetrar o ingrato e desleal portuguez, Domingos Leite, na pessoa d'el-rei D. João iv.

Para refrescar a memoria dos leitores, ácerca d'este successo, transcrevemos o que diz D. Antonio Caetano de Sousa, na *Historia Genealogica da Casa Real*. É bastante curiosa e perfeita a descrição que d'elle faz o escriptor francez, mas, por muito extensa, vemo-nos obrigados a omittil-a.

Refere o nosso historiador:

«...E vendo-se que a fortuna d'el-rei D. João iv era incontrastavel a todo o poder de Hespanha, intentaram os ministros de Castella tirar-lhe a vida, offerecendo-se para esta aleivosa acção um portuguez chamado *Domingos Leite*, e não sendo de humilde nascimento, era de animo perverso e aleivoso, e intentou executar este delicto no dia 20 de junho de 1647, quando el-rei fosse acompanhando o Santissimo Sacramento na celebração da festa do corpo de Deus; e não podendo conseguir intento tão atroz, ou por preocupação do horror, ou por permissão divina, voltou a Madrid, donde forjando varias desculpas lhe foram acceitas, e veiu segunda vez a Portugal com o mesmo proposito; e sendo descoberto, antecipadamente, por um seu confidente

chamado Manuel Roque, que, com maior reflexão conheceu a indigna execução, a que estava convidado, deu conta a el-rei do caso, e sendo preso Domingos Leite, foi sentenceado, acabando com morte infame o auctor de delicto tão atroz que fez mais detestavel o seu crime o ser elle um dos primeiros homens, a que el-rei despachou com a mercê do officio de escrivão do crime da côrte.»

A noticia relativa ao anno de 1685 tem por objecto dar conhecimento das pessoas da familia real e das relacionadas com a mesma familia; dos officiaes da casa real; dos vice-reis e governadores; dos arcebispos e bispos de Portugal e das *Indias Orientaes*.

Com relação ao anno de 1697, apresenta, o sr. conde de Marsy, o extracto d'uma memoria manuscrita datada d'aquelle anno, que encontrou na sua bibliotheca em Compiègne. O extracto refere-se á divisão de Portugal em provincias, á enumeração das nossas possessões ultramarinas, e dá algumas noticias, ácerca de Philippe II, com referencia á usurpação do throno de Portugal.

—É curiosa a seguinte passagem d'uma carta de cid Mohammed, sultão de Marrocos, ao embaixador inglez Powers, 1756:

«...Nous avons éprouvé que le voisinage de Gibraltar nous a toujours été nuisible; enfin que les *anglais* qui se disaient nos amis, nous ont plus fait de mal que les *espagnols* et les *portugais* nos ennemis jurés...» Thomassy, 1.^{re} ed. p. 132-133.

—Não nos parece menos curiosa uma carta do cardeal de Lorena, datada de 22 de maio de 1560, dirigida a Sebastião de l'Aubespine, bispo de Limoges, embaixador na Hespanha, a favor d'um fidalgo portuguez. Na integra e na lingua franceza vamos apresentar esse documento:

«Lettre du Cardinal de Lorraine à Seb. de l'Aubespine, evêque de Limoges, ambassadeur en Espagne.

22 mai 1560

M. de Limoges, l'ambassadeur du roi de Portugal étant icy m'a prié de faire écrire par le Roy (de France) une lettre à la royne catholique sa sœur, pour la prier de servir à la royne de Portugal, en faveur d'un gentilhomme portugais nommé Lopobas de Siqueyra, qui, pour avoir tiré une epee contre un juge, a été condamné à demeurer en exil sept ans au Brésil, pour que le dit lieu du Brésil lui soit commué en un autre d'affrique, et que semblablement elle écrire à l'ambassadeur du roy son mary d'en parler et solliciter la dite expedition et pour

ce qu'il m'a semblé qu'il suffiroit de vous escrire pour lui en parler et pour vous supplier de ma part, j'ai bien voulu vous en dire ce mot pour vous prier, m. de Limoges, de lui en faire très humble requeste et faire depescher la dite lettre comme vous scavez qu'il sera besoing: de façon que ledit ambassadeur, que je desire gratiffier, puisse être satisfait, et surtout que ladite dame, ny en sa lettre, ny a son ambassadeur, ne face mention d'en avoir été sollicité ny adverty du consté de deça, pourceque ledit gentilhomme est des parens dudit ambassadeur et que cela pourrait prejudicier à l'un et à l'autre. Priant Dieu, m. de Limoges, vous

avoir en sa sainte garde. — De Loches, le xxii^e jour de may 1560. — Votre bon frere et amy — Charles, Cardinal de Lorraine.»

Desejavamos mencionar, ainda, n'este artigo, outros apontamentos devidos á laboriosa e mui douta investigação do sr. Conde de Marsy, a quem não podemos deixar de agradecer novamente o interesse que lhe mereceu a nossa patria. Em vista, porém, da falta de espaço, somos forçados a reservar para outra occasião o cumprimento d'esse nosso desejo.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O digno presidente de junta de parochia da freguezia de Barcarena remetteu para o museu do Carmo dois padrões de azulejos em relevo, uma imagem de Jesus Christo, de pedra, e uma pia de agua benta no estylo ogival do seculo XIII, de linda composição.

Foram offerecidos pelo sr. Francisco Raphael da Cruz Furtado, objectos romanos, descobertos em excavações feitas em Tavira, sendo: duas inscrições pertencentes ao circo da antiga cidade de *Balsa*; um tijolo romano de fôrma triangular, com a marca do oleiro; um fragmento de mosaico com diversas cores achado na margem do Guadiana; e duas faças de sílex, de extraordinaria grandeza e notavel execução.

Uma urna cineraria de barro, descoberta no Car-taxo, foi offerecida á nossa real associação pelo sr. Francisco Furtado de Mendonça.

Já ficou assente a porta nova, na entrada principal do nosso museu; tendo sido executada no estylo gothico, e mandada fazer pelo illustrado ministro das obras publicas o ex.^{mo} sr. Lourenço de Carvalho, afim de vedar a entrada convenientemente, depois que a camara municipal mandou tirar todos os en-

tulhos que obstruiam as naves da antiga egreja, as quaes em tempo serviram de vasadouro da cidade.

O distincto epigraphista o sr. D. Rodrigo Amador de los Rios offereceu um bellissimo retrato, da grandeza do natural, de seu afamado pae, o celebre archeologo Fernando Amador de los Rios, para a nossa galeria, como havendo sido nosso consocio honorario.

O nosso illustre consocio o sr. visconde de Sanches de Baena, no seu regresso do Rio de Janeiro, trouxe um valioso presente para o nosso museu: é uma colleção completa de moedas medalhas, pertencentes ao imperio do Brazil, generoso offerecimento de um distincto amator de numismatica o sr. commendador Gonçalves Roque. Tem esta dadiva muita importancia, tanto pelo seu valor intrinseco como por ser a primeira colleção, unica em Portugal, que d'aquelle paiz veiu enriquecer o museu do Carmo.

O sr. visconde de Alemquer, digno secretario da secção de archeologia, offereceu-se para ir representar em Paris a nossa associação no congresso internacional de geographia commercial, pelo convite que nos dirigiu o presente organisador d'aquelle congresso, o sr. marquez de Croizier, nosso socio correspondente.

NOTICIARIO

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ARCHITECTOS CIVIS EM PARIS

Verificou-se a reunião d'este congresso em 29 de julho, no palacio do Trocadero. Quatrocentos e cincoenta architectos francezes e estrangeiros tomaram parte nos seus trabalhos sobre as seguintes questões:

- 1.º Estado actual da architectura publica e privada.
- 2.º Ensino da architectura.
- 3.º Da posição que tem o architecto.
- 4.º Pessoal das obras.
- 5.º Concursos publicos.
- 6.º Conferencias sobre a Esthetica.

NB. Outros assumptos interessantes para a architectura foram tambem apresentados nas quatro sessões que estavam destinadas para estes trabalhos.

O nosso consocio o sr. architecto J. Possidonio N.

da Silva apresentou uma memoria, que foi lida pelo distincto architecto mr. Paula Sédille, ácerca da restauração do edificio monumental da Batalha. É dividida em tres partes distinctas:

- 1.º A historia da sua fundação.
- 2.º O estado de ruina a que tinha chegado.
- 3.º A intelligente restauração que foi executada respeitando-se fielmente o estylo da architectura, de que este edificio ogival offerece o modelo mais perfeito do nosso paiz.

Foi recebida esta memoria com as demonstrações as mais lisonjeiras. Será publicada a expensas do referido congresso.

A sociedade central dos architectos de Paris, que havia tomado a iniciativa d'este congresso, distribuiu em conformidade com os seus estatutos, recompensas aos architectos e aos operarios que mais se haviam distinguido nos seus trabalhos durante o periodo decorrido depois da sua ultima distribuição de medalhas.